



PERCEPÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS: O CASO DE SANTA ROSA/RS

EIXO TEMÁTICO: REGIMES DE VERACIDADE E HISTORICIDADE

PICCOLO, Tainá Letícia

Bacharelanda em Arquitetura e Urbanismo; Instituto Federal Farroupilha
taipiccolo@gmail.com

BREIER, Ana Cláudia Böer

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Instituto Federal Farroupilha
ana.breier@iffarroupilha.edu.br

ANTOCHEVIZ, Fabiana Bugs

Doutora em Planejamento Urbano e Regional; Grupo de Pesquisa Arquitetura, Cidade e Paisagem
fabianabugs@gmail.com

RESUMO

Os últimos anos foram marcados globalmente por intervenções urbanas que contestam homenagens à figuras historicamente contraditórias, levantando o questionamento de quem está sendo representado no espaço público e se estas laureas devem ser mantidas ou retiradas. No município de Santa Rosa - RS, dois monumentos recebem atenções opostas. Em 2021, houve a proposta de alteração de um dos monumentos mais significativos e recordados pela população local, o Pórtico da Xuxa, baseado em um discurso sobre representatividade, ao mesmo tempo em que a estátua em homenagem a Cristóvão Colombo passava por um processo de restauração. Enquanto isso, na Colômbia, outro exemplar era derrubado por manifestantes que gritavam "Colombo, assassino". Considerando a relação entre monumento e memória, e sendo esta responsável pela construção da identidade coletiva, discute-se a representatividade no espaço público e seu impacto através de mapeamento urbano e questionário popular. Os resultados apontam que a maioria dos habitantes considera importante a presença dos monumentos na cidade, mesmo notando-os ocasionalmente ou raramente e não se sentindo representado por eles. A identificação do indivíduo através do imaginário social faz com que a presença de elementos simbólicos construídos reforce a capacidade de rememoração, resultando no fortalecendo do vínculo com a história através do pertencimento dos grupos sociais e no não-reconhecimento que homenageia e preserva determinados contextos sociopolíticos. Assim, este artigo propõe uma análise sobre o monumento como elemento de memória e seu impacto no imaginário social santarosense buscando compreender a relação entre percepção individual e representatividade urbana.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário social, representatividade, memória coletiva.

ABSTRACT

Recent years have been marked globally by urban interventions that challenge tributes to historically contradictory figures, raising the question of who is being represented in public space and whether these honors should be maintained or removed. In the municipality of Santa Rosa - RS, two monuments receive opposite attention. In 2021, there was a proposal to change one of the most significant monuments remembered by the local population, the Pórtico da Xuxa, based on a speech about representation, at the same time that the statue in honor of Christopher Columbus underwent a restoration process. Meanwhile, in Colombia, another copy was toppled by protesters who shouted "Colombo, murderer". Considering the relationship between monument and memory, and this being responsible for the construction of collective identity, representation in public space and its impact are discussed through urban mapping and popular questionnaires. The results indicate that the majority of inhabitants consider the presence of monuments in the city to be important, even though they notice them occasionally or rarely and do not feel represented by them. The identification of the individual through the social imaginary means that the presence of constructed symbolic elements reinforces the ability to remember, resulting in a strengthening of the bond with history through the belonging of social groups and in the non-recognition that honors and preserves certain sociopolitical contexts. Thus, this article proposes an analysis of the monument as an element of memory and its impact on the social imagination of Santa Rosa, seeking to understand the relationship between individual perception and urban representativity.

KEY-WORDS: *social imaginary, representativity, collective memory.*

RESUMEN

Los últimos años han estado marcados globalmente por intervenciones urbanas que desafían los homenajes a figuras históricamente contradictorias, planteando la cuestión de quién está representado en el espacio público y si estos honores deben mantenerse o eliminarse. En el municipio de Santa Rosa - RS, dos monumentos reciben atención opuesta. En 2021, hubo una propuesta para cambiar uno de los monumentos más significativos recordados por la población local, el Pórtico da Xuxa, a partir de un discurso sobre la representación, al mismo tiempo que la estatua en honor a Cristóbal Colón pasaba por un proceso de restauración. Mientras tanto, en Colombia, otro ejemplar fue derribado por manifestantes que gritaban "Colombo, asesino". Considerando la relación entre monumento y memoria, y siendo ésta responsable de la construcción de la identidad colectiva, se discute la representación en el espacio público y su impacto a través de mapeos urbanos y cuestionarios populares. Los resultados indican que la mayoría de los habitantes consideran importante la presencia de monumentos en la ciudad, aunque los notan ocasional o raramente y no se sienten representados por ellos. La identificación del individuo a través del imaginario social significa que la presencia de elementos simbólicos construidos refuerza la capacidad de recordar, resultando en un fortalecimiento del vínculo con la historia a través de la pertenencia a grupos sociales y en el no reconocimiento que honra y preserva determinados contextos sociopolíticos. Así, este artículo propone un análisis del monumento como elemento de memoria y su impacto en el imaginario social de Santa Rosa, buscando comprender la relación entre percepción individual y representatividad urbana.

PALABRAS CLAVE: *imaginario social, representatividad, memoria colectiva.*

INTRODUÇÃO

A busca da compreensão da constituição dos espaços públicos brasileiros, atrelada ao significado dos elementos físicos presentes nas cidades e no cotidiano da população, revela-se através da análise dos monumentos inseridos nestes espaços, seu valor histórico e impacto na construção do imaginário social. O processo acelerado e desordenado da urbanização brasileira é fator determinante nessa questão, responsável pelo cenário de segregação e desigualdade socioespacial que perdura até hoje e está refletido, por exemplo, na falta de representatividade de determinados grupos sociais no contexto urbano (BERTH, 2023). Nessa perspectiva é que o monumento se refere ao imaginário da cidade, num acervo de aspectos simbólicos, possibilitando a tentativa de compreender sua expressão de passado e estabilidade sociocultural, materializada em um plano que é simultaneamente vivido, interpretado e memorado, contribuindo, nessa conjunção, para a formação da identidade coletiva.

É importante ressaltar que a noção de monumento, portanto, ultrapassa as manifestações físicas de uma sociedade que busca estabilidade por meio do ambiente construído, servindo ao intuito de conservar e valorizar um determinado momento histórico. Por essa razão, revisitar o passado sob diferentes perspectivas sociotemporais apresenta desafios na análise de monumentos, exigindo sua qualificação e interpretação sob múltiplas visões. No âmbito nacional e internacional, os últimos anos foram marcados por intervenções urbanas relacionadas à contestação de monumentos que homenageavam figuras historicamente contraditórias, trazendo à tona o questionamento de quem está sendo representado no espaço público, e se estas figuras devem ser retiradas – como forma de intervenção e reparação dos grupos sociais minoritários – ou mantidas – como objetos de estudo e reflexão do passado.

Nesse contexto, o Pórtico da Xuxa, homenagem a apresentadora Xuxa Meneghel e inaugurado em 08 de abril de 2002, recebeu uma proposta de alteração em 2021, quase 20 anos depois da sua criação. A justificativa para a modificação baseia-se no argumento de que Xuxa não representaria mais os interesses do município após se posicionar publicamente sobre o

ativismo animal em defesa do veganismo e o contexto político do país, contrários à postura do autor da obra e da ação. Por outro lado, o monumento em homenagem a Cristóvão Colombo, exemplar que está entre os três em tamanho real no mundo, passava por um processo de restauração desde fevereiro do mesmo ano, tendo sido realocado, em dezembro, em um local com mais visibilidade e possibilidade de visitação. Dois monumentos na mesma cidade, no mesmo período, um valorizado e outro depreciado.

Tendo em vista as explorações da narrativa urbana e suas múltiplas perspectivas, apropriações e distorções, este artigo aborda a preservação e a destruição como uma condição de existência (FREIRE, 1995) na batalha pelo que merece ser preservado, investigando as representações e reinterpretações dos monumentos nas últimas décadas. Busca-se, portanto, realizar uma análise sobre a constituição do monumento como elemento de memória e seu impacto no imaginário social da população santarosense, através da coleta de dados mediante investigação bibliográfica, levantamento em campo e questionário popular, na perspectiva de compreender a relação entre a percepção na experiência do indivíduo e a representatividade urbana.

O CONCEITO DE MONUMENTO: ALÉM DO MATERIAL

A definição lexical de monumento refere-se a uma obra artística, de importância arquitetônica ou escultural destinada a transmitir a memória de um fato histórico importante ou de uma pessoa ilustre. Etimologicamente, o termo monumento deriva do latim *monumentum* (de *monere*, que significa advertir, lembrar), sendo, portanto, uma produção social elaborada pela emoção em uma memória que é viva ou insiste em estar presente, na intenção de conservá-la no tempo por meio do elemento construído.

A ideia de perpetuar homenagens ou comemorar feitos na escala urbana é bastante antiga. Segundo Choay (2017), a noção de monumento histórico surge em 1790, como um desdobramento da Revolução Francesa, na intenção de proteger o recém-criado patrimônio nacional, visto que diversos monumentos foram destruídos em rejeição a valores simbólicos de um período e cultura que se buscava modificar. A autora também estabelece que o monumento histórico se caracteriza, quaisquer que sejam seus atributos intrínsecos, por

sentido anterior e imutável que o impregna, derivado não desses atributos, mas de relação externa com alguma realidade superior ao próprio objeto, como, por exemplo, seu contexto histórico. Nesse contexto, a própria Carta de Veneza define que:

“A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.” (ICOMOS, 1964, p. 1-2)

Nota-se, então, que a raiz do monumento histórico é intrínseca ao patrimônio, numa busca pela preservação como resposta à destruição, à ausência e à transformação. Esse momento reflete o aprofundamento da sociedade na valorização da arte e do significado de uma obra, reconhecendo seu papel como um meio e um símbolo para endossar uma variedade de atos e representações sociais “em uma escala espaço-temporal que, inclusive, se pode fazer permanente, assumindo o valor de um recurso pedagógico” (ALVES e SOUZA DE DEUS, 2020).

Nesse sentido, Lynch (1960) destaca que a presença de monumentos tem uma influência significativa na orientação espacial das pessoas, podendo atuar como ponto de referência em determinado espaço urbano e induzir a formação da imagem mental. Então, sendo o ambiente físico estruturado através dessa série de elementos que o tornam capaz de ser percebido e compreendido, os marcos referenciais constituem os elementos visualmente destacados na paisagem de um lugar. Assim, favorecem a diferenciação de um lugar para outro, proporcionam aos indivíduos uma indicação de como se mover, qual direção tomar, além de algo para lembrá-los de como retornar. Ademais, auxiliam no relacionamento dos elementos do espaço entre si e, ainda, permitem identificar um significado pertinente que pode sugerir um uso ou um valor simbólico de determinado ambiente.

O monumento se destaca como um elemento único, distinto em sua forma, localização e importância dentro do espaço público. Segundo Freire (1995), representa uma das estruturas que sustentam as ideias de permanência e continuidade, sendo um dos aspectos mais resilientes e capazes de persistir no tecido urbano em meio às transformações, onde “a

cidade, assim, não conta a sua história, mas a contém, num acervo de objetos nem sempre tangíveis” e “as obras ganham existência efetiva através do olhar do público”. Esse olhar é fundamentado por Tuan (2012) através da declaração de que a afetividade e o reconhecimento são fatores possibilitadores fundamentais para que um determinado local se torne portador de eventos emocionalmente carregados ou seja percebido como simbólico.

Para que haja a construção de afetividade e de significado com os objetos, as interações sociais moldam a identidade e fazem com que a memória individual se ancore a uma variedade de referências, dentre elas os elementos do espaço vivenciado (HALBWACHS, 1990). Isto é, o indivíduo se afeta pelo espaço na medida em que se vincula afetivamente com ele. Essa percepção fomenta a discussão acerca da preservação da memória coletiva por meio da manutenção do patrimônio, visto que elementos de construção urbanos implicam uma vivência em conjunto, onde, segundo Freire (1995), “os monumentos são um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhados da memória coletiva”. O sociólogo Maurice Halbwachs estabelece a diferença entre memória e história da seguinte forma:

“A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 1990, p. 81-82)

Portanto, para que os monumentos cumpram a função de consagrar as representações da memória coletiva para além da temporalidade do cotidiano, é necessário que haja um movimento de apropriação e reconhecimento por parte da população (ROCHA, 2022; SERBENA, 2003). Desta forma, o monumento transcende seu papel como símbolo de poder e marco temporal e espacial, sendo considerado fator contribuinte na formação e manutenção da identidade do indivíduo, na relação da população com a cidade e na consequente construção do imaginário social através da memória (FREIRE, 1995).

QUE HISTÓRIA OS MONUMENTOS NOS CONTAM?

Estando a cidade em constante transformação, mediante novas configurações e necessidades sociais, existe a demanda pela atualização contínua sobre o modo de vida no presente e a

continuidade dos quadros do passado. Essa configuração afeta a forma como os monumentos são percebidos, sendo estes inseridos no espaço público ao longo do tempo pela ação governamental, manifestação dos grupos sociais ou organização privada, tornando sua presença um símbolo que remete a diferentes contextos sociopolíticos e históricos.

A formação das cidades brasileiras origina-se no resultado de processos históricos, nos quais o próprio meio urbano se encarrega de contar parte de sua trajetória, através de elementos construídos que permanecem na relação espaço-tempo por meio da presença física e da identidade coletiva. Assim, o monumento nos lega os traços de um passado no qual a cidade torna-se registro através da concretização de sua própria narrativa. A cidade representa simultaneamente uma maneira de organizar o território e a relação política que se estabelece dentro dele, onde aponta-se que a dinâmica da luta de classes interfere na configuração da cidade, sendo as diferentes classes sociais, suas subdivisões e grupos os principais atores desse processo (LEFEBVRE, 2006).

Considerando o modelo de desenvolvimento brasileiro, a distribuição do espaço urbano reproduz uma matriz patriarcal e colonialista de poder, em conjunto com a implantação de políticas fundiárias segregacionistas que, historicamente, prejudicaram e desvalorizaram os grupos sociais minoritários, principalmente indígenas e negros. Desde as capitanias hereditárias, passando pela Lei de Terras de 1850, têm-se um cenário que dificulta o acesso à terra por esta parte da população, evidenciando um modelo que segue promovendo espaços segregados, bem como o apagamento das contribuições desses povos para a construção das cidades, o que reflete na falta de representatividade dos monumentos (BERTH, 2023).

Santa Rosa, situada no noroeste do Rio Grande do Sul, é uma região inicialmente habitada pelos indígenas do grupo Tapes que, a partir de 1626, foi alvo de catequização com a chegada dos jesuítas e espanhóis, integrando o território dos Sete Povos das Missões. Com o Tratado de Madri em 1750, o território passa da coroa espanhola para a portuguesa, tendo como desdobramento a Guerra Guaranítica (1753-1756), na qual Sepé Tiaraju lidera os guaranis na resistência contra a desocupação dos Sete Povos das Missões.

Posteriormente, a região pertenceu aos municípios de Porto Alegre, Rio Pardo e Santo Ângelo, sendo este subdividido em 1876, resultando na criação do Distrito de Santa Rosa. Contudo, sua colonização efetiva só acontece a partir de 1915, com a implementação de um amplo plano de loteamento de terras para assentar a comunidade local, composta por mestiços e caboclos resultantes da miscigenação entre portugueses, índios e negros organizados pela Comissão de Terras e Colonização, a qual teve a sede construída no ano seguinte. No mesmo período, houve a imigração alemã, italiana e de outras etnias em menor escala. A ideia da emancipação surge em 1927, quando a população já era de 35 mil pessoas, sendo efetivada em 1931.

Figura 1: Uma das primeiras casas construídas na região, em 1912.



Fonte: Acervo municipal de Santa Rosa (2023).

Em meio à “febre statuária” ou “estatuomania”¹ vivida no Brasil na década de 1920, a cidade torna-se palco da cena política e busca fixar traços de identidade (FREIRE, 1995, p. 242), sendo registrados os dois primeiros monumentos de Santa Rosa. O primeiro foi inserido no mesmo ano em que a energia elétrica chegou à região, em homenagem ao político José Bonifácio de Andrade e Silva (Figura 2), e o segundo foi uma estátua em tamanho real homenageando Cristóvão Colombo (Figura 3), construída na Itália e patrocinada pelos moradores em comemoração ao cinquentenário da imigração italiana.

¹Justificado por Scarelli (2021), pois dessa forma os jornais brasileiros se referiram ao fenômeno.

Figura 2: Inauguração do monumento a José Bonifácio de Andrade e Silva, Santa Rosa, 1922.



Fonte: Acervo municipal de Santa Rosa (2023).

Figura 3: Inauguração do monumento a Cristóvão Colombo, Santa Rosa, 1925.



Fonte: Acervo municipal de Santa Rosa (2023).

Desde então, foram inseridos diversos elementos no espaço público urbano, sendo destacados a seguir os que mantêm a perspectiva de figuras históricas para a construção da linha do tempo da cidade. Em 1958, um busto e uma inscrição em homenagem ao presidente Getúlio Vargas. Em 1973, instala-se o monumento a Sepé Tiaraju, chefe e guerreiro indígena

dos Sete Povos das Missões, declarado herói guarani missioneiro rio-grandense. Em 2002 e 2003, respectivamente, são inaugurados o Pórtico da Xuxa, em homenagem à atriz e apresentadora Maria da Graça Xuxa Meneghel, e o Monumento do Esporte em homenagem ao goleiro Cláudio Taffarel, ambos santarosenses. O último monumento registrado foi inaugurado em 2023, em homenagem ao comunicador e radialista Valdir Ribeiro, falecido em 2017, pelo trabalho e envolvimento com o município.

Como apontado por Cymbalista et. al (2017), a história dos monumentos é caracterizada pela rememoração e celebração das civilizações triunfantes durante a colonização, refletindo o luto pelo sofrimento e pelo risco de desaparecimento súbito. No final do século XX, as representações patrimoniais passaram a valorizar mais o local, o comunitário, as expressões das minorias e o patrimônio intangível, em detrimento da monumentalidade, do nacionalismo e das hegemonias.

PRESERVAÇÃO *VERSUS* DESTRUIÇÃO

Considerando a questão temporal, encontra-se uma contradição na sociedade atual entre a consagração dos monumentos históricos e a perda de sua função memorialística (CHOAY, 2017; ROCHA, 2022). Em 2020, o cenário mundial teve como destaque uma série de intervenções urbanas em contestação a monumentos de personagens escravagistas, cuja influência principal tem como referência o assassinato do segurança negro George Floyd pelo policial branco Derek Chauvin, nos Estados Unidos. Para o escritor Abílio Ferreira, a combinação entre a violência policial e o apagamento simbólico da resistência dos povos negros e originários acirrou as intervenções em estátuas de mercadores de pessoas escravizadas registradas em diferentes países, sendo algumas destas figuras retiradas do espaço público.

No mesmo ano, o cenário brasileiro teve suas manifestações urbanas reavivadas por discussões que abordaram a releitura e até mesmo a retirada de tais homenagens, buscando ressignificar o contexto passado e refletir o momento atual. Em meados de abril de 2021, surge o Projeto “Demonumenta”, desenvolvido por docentes da FAUUSP (Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) com o propósito de debater sobre as temáticas ligadas ao patrimônio arquitetônico, espaços de memória e a colonialidade presente nas instituições e acervos públicos. Em julho, ocorre o incêndio da estátua de Borba Gato, em São Paulo, representação do bandeirante Manuel de Borba Gato, figura controversa considerada um símbolo da escravidão no período colonial.

Essa conjuntura comprova uma movimentação social que se posiciona a favor da reavaliação dos monumentos no espaço público, contestando a valorização de personagens historicamente controversos e buscando a defesa do direito de representatividade da população na memória coletiva da cidade. Rocha (2022) defende que a definição de uma obra como monumento não é obtida pelo seu propósito original, mas pela compreensão que se têm dela atualmente, considerando que o monumento simbólico intencional para fins de rememoração tornou-se praticamente obsoleto na sociedade contemporânea. Da mesma forma, Choay (2017) identifica a “progressiva extinção da função memorial do monumento”, onde é substituída pela função estética e de beleza, e pelo avanço e desenvolvimento de formas alternativas de registro, chamadas memórias artificiais, através da escrita e da fotografia. Em contrapartida, Freire (1995) assinala a volta do interesse pelo monumento, associado, no geral, ao debate da arquitetura ou da cidade como lugar de conteúdo simbólico, declarando que “preservar ou destruir são duas formas de atribuir valor”.

Como exemplo de tentativa de apagamento, têm-se a proposta de alteração do Pórtico Terra da Xuxa (Figura 4) para Pórtico Terra da Soja em junho de 2021, realizada pelo próprio autor da obra², onde coloca-se que a atriz não representaria mais o município devido a seu posicionamento em defesa aos direitos dos animais, justificando que o agronegócio é um fator base da economia municipal, e oposição política ao presidente da época. Em nota oficial, o Conselho Municipal de Política Cultural de Santa Rosa manifestou-se contrário à proposta, alegando “a importância do pórtico e do imaginário criado sobre a personagem (...)”,

²Gilberto Almeida, “Xuxa não me representa mais”, Facebook, 1º de junho de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=4717613838253523&id=100000148618437&sfnsn=wiwspwa&_rdr>

considerando as referências históricas e culturais e sua relação direta com a memória, história e pertencimento” (KEIBER, 2021).

Figura 4: Inauguração do Pórtico Terra da Xuxa, Santa Rosa, 2002.



Fonte: Jornal Digital GZH (2014).

Figura 5: Reinauguração do monumento a Cristóvão Colombo, Santa Rosa, 2021.



Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Rosa (2021).

Como exemplo de preservação, têm-se a restauração da estátua de Cristóvão Colombo e transferência para local de possível visitação, sendo reinaugurada em dezembro de 2021

(Figura 5), onde o Secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Tecnologia comenta³: "É carregada de história, e isso para nós é muito importante". O Prefeito Anderson Mantei complementa: "É importantíssimo, é fundamental esse resgate e essa possibilidade de nós estarmos com um exemplar, de três do mundo, aqui em Santa Rosa, nós podemos contar a história (...) dessas famílias precursoras (...) que construíram ou que iniciaram a construção do que nós temos hoje".

Sendo o monumento testemunha das épocas atravessadas, sua condição de existência oscila entre preservação e destruição, onde o elemento permanece ponto de ancoragem e conexão ao passado, contrastando entre a grandiosidade de sua presença e a fragilidade do tempo. Os casos de Santa Rosa demonstram a atribuição de significado simbólico através do imaginário da população, onde, justamente por isso a memória se liga ao espaço:

"cada objeto encontrado e o lugar que ele ocupa no conjunto remetem a uma maneira de ser comum a muitos homens, e, quando analisamos esse conjunto, [...] é como se pudéssemos dissecar um pensamento no qual se confundem os bens de uma quantidade de grupos. De fato, as formas dos objetos que nos envolvem têm essa significação. [...] Há em torno de nós uma sociedade muda e imóvel – e que permanece". (HALBWACHS, 1990, p. 195)

A PRESENÇA E O NÃO RECONHECIMENTO

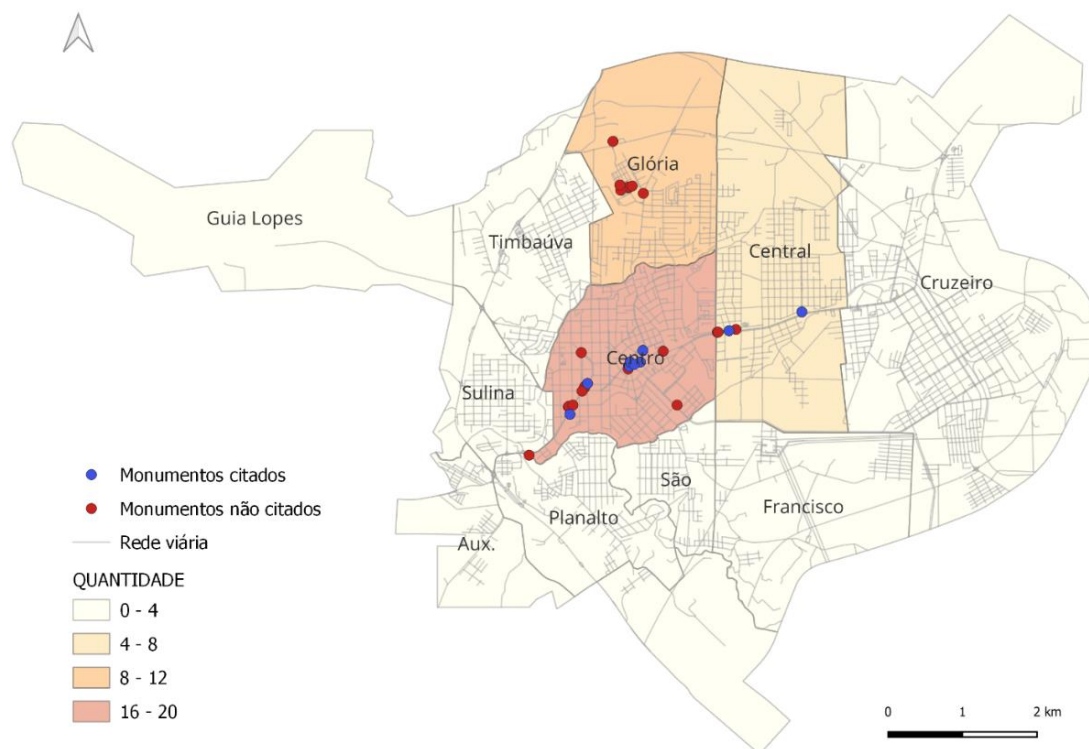
A coleta de dados baseou-se em métodos qualitativos, que permitem o aprofundamento das características investigadas, e quantitativos, que estabelecem a confiabilidade das medidas adotadas (Reis e Lay 1995). O levantamento dos monumentos históricos de Santa Rosa foi realizado através de visita *in loco*, resultando em 31 elementos, divididos de forma que 19 estão localizados no Centro, 7 no bairro Glória e 5 no bairro Central (Figura 5). Isso significa que, entre os dez bairros da cidade, apenas três apresentam esse tipo de monumento. Dos monumentos citados no questionário, 7 estão localizados no Centro e 2 no bairro Central,

³Gaudério News, "Reinaugurada a Praça Constantino Bortoli Local passa a contar com a estátua de Cristóvão Colombo", Youtube, 10 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=eKINKzFpM_E&ab_channel=Gaud%C3%A9rioNews>

comprovando que o centro "permanece como referência originária, quase arquetípica" e "forte no imaginário urbano" (FREIRE, 1997, p. 222).

Figura 6: Mapeamento dos monumentos históricos de Santa Rosa.



Fonte: Autoria própria (2023).

O questionário aplicado via online teve como objetivo coletar informações da população residente no município, resultando numa amostra de 88 respondentes. Os dados revelam a percepção sobre a presença dos monumentos no espaço público, onde 61% passam por eles cotidianamente e 55% consideram importante sua existência, mesmo que 50% não se sintam representados e 47% relatem notá-los ocasionalmente (Tabela 1).

Tabela 1 – Síntese dos resultados do questionário aplicado.

1. Com que frequência você nota a presença de monumentos na cidade?			2. Você acha importante a existência destes monumentos?		
	Respondentes	(%)		Respondentes	(%)
Frequentemente	18	20%	Às vezes importante	8	9%
Muito frequente	6	7%	Importante	48	55%

Nunca	4	5%	Moderado	16	18%
Ocasionalmente	41	47%	Muito importante	12	14%
Raramente	19	22%	Não é importante	4	5%
Total	88	100%		88	100%
3. No trajeto cotidiano, você passa por monumento(s) na cidade de Santa Rosa? Se sim, qual(is)?			4. Você se sente representado(a) por este(s) monumento(s)?		
	Respondentes	(%)		Respondentes	(%)
Sim	54	61%	Em parte	6	7%
Não	28	32%	Indiferente	2	2%
Não sei	6	7%	Não	44	50%
			Não passo por eles	2	2%
			Não sei	2	2%
			Sim	32	36%
Total	88	100%	Total	88	100%

Fonte: A autoria própria (2023).

Ao interrogar “O que você entende por monumento?” as respostas vão de “algo antigo” e “algo que se tem como referência” para “uma forma de homenagear pessoas que tiveram significado na história” e “espaço de preservação histórico”. Sobre a presença de tais objetos, atesta-se sua importância através de declarações como: “nos instiga a saber mais sobre nosso passado”, “além de divulgar a cultura local, contribui com a paisagem”, “acho necessário, um meio para deixar os visitantes e moradores mais informados sobre a história da cidade”. Todavia, isso não se relaciona com o senso de representatividade, visto que 69% da amostra considera sua presença importante ou muito importante, mas 50% não se sente representada pelos monumentos. O mais expressivo nessa falta de identificação se mostra através de afirmações como “sinto que eles representam a cidade de Santa Rosa, mas não me identifico com eles” e “porque se limitam a homenagear pessoas específicas”. Concomitantemente, os monumentos mais citados na Questão 3 foram o monumento em homenagem ao goleiro Cláudio Taffarel (23 menções) e o Pórtico da Terra da Xuxa (16 menções), totalizando uma porcentagem de 44% da amostra que passa por eles em seu cotidiano, reconhecendo-os como figuras importantes, mas não necessariamente como representantes dos habitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é a revelação do imaginário social da população, manifestando-se através dos elementos urbanos na medida em que é vista e experienciada, onde os monumentos refletem a sociedade, sendo passíveis de interpretação e transformação temporais, sendo seu significado alterado conforme o sentido emprestado a ele por seus observadores. Isso elucida o questionamento atual de quem é representado no espaço urbano e alude ao apagamento que subtrai das cidades a presença dos grupos sociais historicamente desfavorecidos, gerando uma falta de representatividade constatada na investigação da população santarosense. Essa ausência evidencia a formação histórica da memória coletiva, onde, mesmo na ausência de identificação pessoal com o monumento, reconhece-se sua importância como marco memorial, histórico, referencial e recurso educacional. Dessa forma, o conceito comum de monumento histórico corrobora com a definição da Carta de Veneza, incorporando o marco de referência de Lynch e o atributo intrínseco de Choay.

Em contraponto, somente a inserção destes elementos simbólicos na urbe não significa que haja reconhecimento por parte da população, visto que muitos passam despercebidos, mesmo estando localizados em pontos centrais, destacando a escassez destes elementos em bairros periféricos. A significação cultural ocorre, portanto, através da percepção e do imaginário social, onde o monumento é fator contribuinte na formação e manutenção de uma identidade coletiva, mesmo que esta seja restrita a um pequeno recorte da população, e na relação desta com a cidade. Se a relação entre memória e espaço é amparada em passados e reinterpretações, embora, notoriamente, o espaço físico não a carregue em si, ainda é relevante questionar: Como ficam os lugares de memória no futuro das cidades? Sendo a atribuição de significado e apropriação dos lugares não fixa e construída historicamente, é importante considerar que tanto a preservação quanto a destruição refletem um projeto de construção futura que se origina no presente, onde a percepção humana sobre os espaços desempenha um papel crucial na determinação de seu destino e significado ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rahyan de Carvalho; SOUZA DE DEUS, José Antônio. **Memória, afeição ao lugar e política: um olhar sobre o patrimônio em seus enredos derivados da geograficidade humana**. Revista Cerrados. Montes Claros, MG, v. 18, n. 1, p. 352-372, 2020. DOI: 10.46551/rc24482692202005.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. São Paulo: Paz & Terra, 2023.

CARMO, Marcia. **“A polêmica em torno da derrubada de estátuas de Cristóvão Colombo, gerais e traficantes de escravos na América Latina”**. BBC News Brasil, 7 julho 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57743744>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CYMBALISTA, R. et al. (Org.). **Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas**. São Paulo: Annablume/Núcleo de Apoio e Pesquisa São Paulo, 2017.

FERREIRA, Abílio. **“Decisão de instalar uma estátua como a de Borba Gato é mais violenta do que a de queimar”**. Entrevista concedida à CBN. CBN, São Paulo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/348091/decisaode-instalar-uma-estatua-como-de-borba-gato.htm>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido por Laurent León Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Maio de 1964. Portal IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>

KEIBER, Fernando. 2021. Nota Oficial. Prefeitura Municipal de Santa Rosa, Conselho Municipal de Política Cultural.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início fev. 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MANETTO, Francesco; PÉREZ, David Marcial. **“Substituição da estátua de Colombo divide os especialistas: decisão inteligente ou golpe à memória”**. El País, 12 set 2021. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-12/substituicao-da-estatua-de-colombo-divide-os-especialistas-decisao-inteligente-desatino-e-golpe-a-memoria.html>

NORA, Pierre, e Tradução: Yara Aun Khoury. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. 2012. Recuperado de <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA. Disponível em: https://prefeitura.santarosa.rs.gov.br/?page_id=70. Acesso em 27 mar 2023.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. **As Técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído**. Gramado, RS: Curso III Encontro Nacional - I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, ANTAC - Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1995.

ROCHA, Ricardo de Souza. **A noção de monumento: do mármore ao incômodo**. Patrimônio e Memória. São Paulo: Assis, v. 18, n. 1, p. 421-439, jan./jun. 2022. Disponível em: pem.assis.unesp.br.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1988.

SCARELLI, Rafael Dias. **“Continua a Febre Dos Monumentos’: A Estatuomania Na Imprensa Do Rio De Janeiro (décadas De 1880 a 1930)”**. Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material 29 (dezembro): 1-48. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e60>.

SERBENA, Carlos Augusto. **Imaginário, ideologia e representação social**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 4, n. 52 (dezembro): 2-13. 2003. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>

TUAN, Yi-fu, e Tradução: Livia de Oliveira. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.